

ARTICULAÇÕES ENTRE TEXTO ESCRITO E ILUSTRAÇÕES NA LITERATURA INFANTIL: REPERCUSSÕES SOBRE A EFETIVAÇÃO DA LEITURA

Fabíola Cordeiro de Vasconcelos
Universidade Federal de Campina Grande

Resumo:

Neste trabalho, com base em estudos de Alencar (2009), Amarilha (2002), Faria (2004), Fonseca (2009), Ramos (2011), entre outros, trataremos da relevância de articulações adequadas entre as ilustrações e o texto escrito nas obras de literatura infantil, enfatizando a pertinência de tais articulações para uma eficiente atribuição de sentidos pelo leitor. Destacaremos e analisaremos um livro de literatura infantil específico - Tom, do escritor e ilustrador André Neves, no qual consideramos haver uma articulação ideal entre as linguagens verbal e visual, relação que se mostra essencial ao entendimento da narrativa e que constitui um todo equilibrado que repercute significativa e favoravelmente na realização de uma leitura efetiva da obra.

Palavras-chave: articulação verbal/visual, literatura infantil, leitura.

Introdução

Atualmente, não cabe mais conceber o universo literário infantil desconsiderando a relevância das ilustrações nesse âmbito. É fato que as imagens ganharam, ao longo das últimas décadas, significativo destaque nos livros literários direcionados às crianças, o que demanda a reflexão sobre a necessidade de aprender a interpretá-las e de compreender as formas como se articulam com o texto escrito, desse modo favorecendo a efetiva compreensão da obra em sua totalidade.

Nos livros de literatura infantil constituídos pelas linguagens verbal e visual, uma articulação eficiente entre ambas é fator crucial à qualidade da obra, uma vez que, além de ampliar as possibilidades de expressão, fomenta o entendimento do que é expresso. Nessa perspectiva, quando as funções de cada linguagem são utilizadas adequadamente, há um equilíbrio na articulação entre elas e, em decorrência, a possibilidade de uma melhor compreensão do texto pelo leitor (FARIA, 2004).

Mais do que simplesmente prender-se ao texto escrito, submetendo-se a ele de forma absoluta ou apenas "enfeitando" o escrito, a ilustração tem a função de dizer diferentemente o que já está dito por meio das palavras, também acrescentando novos aspectos. Portanto, ao relacionar-se coerentemente com o texto verbal, o texto por imagens contribui

significativamente para uma competente leitura da história.

É sobre a relevância de articulações adequadas entre as ilustrações e o texto escrito nas obras de literatura infantil que trataremos neste artigo, enfatizando a sua pertinência para uma eficiente atribuição de sentidos pelo leitor e dando destaque a um livro de literatura infantil específico - *Tom*, do escritor e ilustrador André Neves, no qual consideramos haver uma articulação ideal entre as linguagens verbal e visual, relação que se apresenta como um requisito primordial ao entendimento do narrado e que demonstra como, embora com suas especificidades, ambas as linguagens inter-relacionadas podem constituir um todo equilibrado que repercute significativa e favoravelmente na realização de uma leitura efetiva.

De início, trataremos da importância das ilustrações e do projeto gráfico nas obras de literatura infantil, ressaltando que, mais do que "ornar", as imagens são muito relevantes à constituição dos sentidos dos textos, e que o projeto gráfico assume destaque significativo nos livros, convidando os leitores a lê-los. Em seguida, voltamo-nos à importância das articulações entre o escrito e as ilustrações nas obras literárias infantis, destacando que uma relação equilibrada entre essas linguagens é requisito fundamental à possibilidade da obra comunicar e ser bem compreendida pelos leitores, uma vez que ambas as linguagens contribuem de modo significativo para a totalidade da história e devem ser entendidas em cooperação. Na sequência, apresentaremos o livro *Tom*, caracterizando-o quanto à articulação entre os textos escrito e de imagens, salientando como, nesta obra, as relações adequadas entre as linguagens determinam a riqueza e a beleza do texto, além de favorecerem a realização da leitura do mesmo.

Nas obras literárias infantis, a relevância das ilustrações e do projeto gráfico

Dadas as peculiaridades do público a quem se volta, a literatura infantil tem como uma de suas principais características a presença de ilustrações, as quais contribuem para, além de tornar as obras mais atrativas, ajudar os pequenos leitores a lê-las. É sabido que a criança é sensível à imagem antes mesmo de conseguir se exprimir por palavras (WERNECK, 1998) e que tem um modo próprio de se relacionar com o mundo e de compreendê-lo, daí a necessidade dos livros a ela dirigidos investirem nas imagens, linguagem mais facilmente apreensível nessa etapa da vida.

Ramos (2011) enfatiza as ilustrações dos livros infantis como aspecto fundamental para a adesão das crianças às histórias narradas. Segundo a autora, aos pequenos agrada o "jogo entre a segurança do conhecimento e a surpresa do inusitado" provocado pelos desenhos

(p. 23). Além disso, eles tendem a ficar cansados diante de histórias contadas apenas com palavras, já que a construção do sentido demanda o esforço de procurar visualizar todas as situações apresentadas.

Inegavelmente, hoje não cabe pensar em literatura infantil sem ilustração (AMARILHA, 1997). Quando se consideram os livros destinados aos pequenos, logo se imaginam obras fartas em imagens, cores e formas, embora nem sempre tenha sido assim. A autora aponta que, nos primórdios, as ilustrações presentes nos livros infantis eram poucas, pois era a leitura em voz alta, feita por um leitor com maior experiência, que direcionava a compreensão do lido. Entretanto, uma série de mudanças sociais, a exemplo da expansão da leitura individual e da popularização do objeto livro, fez com que o leitor, sozinho, precisasse suprir a ausência da voz do leitor-narrador, narrando a história para si mesmo, o que abriu espaço para a atual presença marcante da imagem nos livros infantis. Coube a ela substituir essa voz, ajudando o leitor iniciante a compreender as histórias de maneira autônoma.

Além disso, no que toca especificamente ao contexto brasileiro, outros fatores promoveram o fortalecimento da presença das imagens nos livros dirigidos à infância, entre os quais cabe destacar o crescimento da escolarização, o melhoramento progressivo das técnicas da indústria gráfica, além de uma série de mudanças sociais que trouxeram consigo a valorização do papel da infância e a consequente criação de produtos destinados a atender às peculiaridades da criança. No entanto, como destacado por Ramos (2011), o fator mais determinante do papel de destaque dado às imagens na literatura infantil foram as investigações científicas que relacionaram as ilustrações ao desenvolvimento da competência leitora dos pequenos, apontando que elas, além de estimular a fantasia e promover a fruição, contribuem para o processo de alfabetização.

A ilustradora Ciça Fittipaldi também ressalta a importância da imagem visual nos livros infantis ilustrados e destaca que ela

não impede e nem restringe a fabricação das imagens mentais, não tolhe o imaginário do leitor, como muitos ainda hoje argumentam. Bem ao contrário, as imagens visuais detêm uma enorme capacidade de abrir espaços no imaginário, de criar experiências sensíveis, formais, afetivas e intelectuais que alimentam o imaginário. De modo diferente do verbal, a imagem possui sua própria sintaxe e semântica, desdobra-se em planos de forma, conteúdo, e expressão (FITTIPALDI, 2008, p. 107).

Segundo a autora, portanto, a ilustração fomenta a construção de imagens mentais pelo leitor, promovendo a sua capacidade imaginativa. Daí mais um argumento que denota o quão

fundamental é para a constituição das obras literárias infantis. Fato é que, atualmente, as ilustrações desempenham um papel muito relevante no universo da literatura dirigida à infância e integram o todo do livro que, "como produto da cultura, se constitui de texto, ilustrações e projeto gráfico", este último incluindo aspectos como a forma, o papel utilizado, o tipo de letra, a paginação, a diagramação, entre outros elementos (PARREIRAS, 2009, p. 88). Ao lado dos textos escrito e por imagens, o projeto gráfico dos livros infantis revela-se como elemento igualmente relevante e que também abriga sentidos, não podendo, pois, ser desconsiderado ou menos observado nas análises e leituras desses livros.

Como aponta Corsino (2010, p. 193), o projeto gráfico é relevante porque torna a obra visível e legível, convidando o leitor a se aproximar dela, a partir das características táteis, gráficas e funcionais que apresenta. Destaca que aspectos como formato, tamanho, capa, contracapa, contraste letra/fundo, tamanho da letra, qualidade e textura do papel, técnica e cores empregadas, adequação e dosagem de informações complementares ao texto literário, entre outros, fazem parte da contextualização da obra e ampliam a proposta da mesma, devendo ser levados em conta quando se pretende escolher um livro infantil de qualidade.

Por sua vez, Moraes (2008) define o projeto gráfico de um livro como “uma série de escolhas e partidos que definirão um corpo (matéria) e uma alma (jeito de ser) para esse objeto” (p. 49). Ao explicar sua ideia, esclarece que o que chama de “corpo do livro” é o modo como este se apresenta aos sentidos do leitor, o que inclui elementos como forma, tamanho, cor, tato, cheiro etc. Já o que chama de “alma do livro” diz respeito ao seu conteúdo, o qual vai se revelar ao leitor ao passo que este percorre seu texto, observa suas imagens, passa suas páginas, ingressa em seu interior, desvendando os caminhos que ele lhe propõe imaginar. O ilustrador compara o projeto gráfico de um livro ao projeto de uma casa, salientando que o primeiro “propõe seus espaços, compostos por textos e imagens, e constrói um ambiente a ser percorrido” pelo leitor, de maneira ativa (p. 49). Assim, destaca que

A escolha do papel, formato, dimensão, letra, tipo de impressão, encadernação, quantidade de texto em cada página – itens que muitas vezes fogem à percepção da maioria dos leitores (e não ser particularmente notado é um mérito do projeto) – são de grande importância por interferirem no modo de construir um todo, essa proposta de leitura chamada livro (MORAES, 2008, p. 50).

O autor ainda enfatiza a importância do projeto gráfico como elemento que costura as duas linguagens que vão desenvolver a história, a da palavra e a da ilustração, e que interfere na leitura da obra. Esta leitura, portanto, precisa ser abrangente no sentido de ir além do

verbal, considerando a totalidade do objeto livro, centrando-se também em aspectos ainda encarados por alguns como de menor relevância.

Nessa perspectiva, Fonseca (2009) defende que um olhar mais atento e investigativo em relação ao projeto gráfico pode enriquecer e aprofundar a leitura do texto verbal, aproximando o leitor do universo de significados proporcionado pelo livro. Desse modo, uma leitura da obra em sua completude requer debruçar-se sobre o seu projeto gráfico e, conseqüentemente, sobre os elementos por ele definidos, os quais expressam e informam, tornando necessário, por isso, atribuir-lhes sentidos para alcançar uma leitura mais competente também do escrito.

Sobre a relevância de reconhecer a importância do planejamento visual gráfico de uma obra e da abrangência de aspectos que ele envolve, Ramos (2011) salienta que

quando se fala em imagem no caso do livro infantil contemporâneo, ela não se resume apenas às ilustrações. Está relacionada à definição de um projeto gráfico que estabelecerá os tipos de letras a serem usados, o tamanho, o espaçamento e o entrelinhamento delas; definirá ainda o ritmo do texto nas páginas, o que sugerirá o andamento da leitura; **pensará a forma de integração entre o texto e as ilustrações**; escolherá o tipo de papel que servirá de suporte e os recursos técnicos a serem utilizados na mecânica do livro. (p. 30, grifo nosso)

Assim, embora contidas no projeto gráfico, as ilustrações não estão sozinhas, pois o compõem junto com diversos outros elementos, todos imprescindíveis à construção da legibilidade da mensagem e voltados a fazer do livro algo que possa agradar, encantar e surpreender o pequeno leitor. Um aspecto extremamente relevante desse universo é a integração entre texto escrito e ilustrações, à qual nos dedicaremos a seguir.

As articulações entre imagens e texto escrito nos livros literários infantis

Como apontado por Faria (2004), nos bons livros infantis ilustrados, texto escrito e imagem se articulam e, juntos, contribuem para a boa compreensão do narrado. Nesses livros, de acordo com a autora, ocorre uma espécie de dupla narração, ou seja, é como se houvesse dois narradores, um responsável pelo texto escrito e outro, pelas imagens. Ambos, portanto, cooperam para contar a história e, usando as funções de cada linguagem de forma ideal, garantem uma articulação equilibrada entre texto e imagem, a qual é imprescindível à adequada compreensão da história.

Desse modo, não cabe ressaltar a importância maior ou menor de uma das linguagens

em relação à outra, uma vez que ambas, inter-relacionadas, mostram-se igualmente necessárias e relevantes à constituição da obra, desde que cumprindo a contento o seu papel específico nesta. Um bom entrosamento entre ambos [texto escrito e ilustrações] ajuda as histórias a ganharem vida (ALENCAR, 2009, p. 32).

A respeito dessa relação entre as linguagens, a ilustradora Thais Linhares ressalta que uma boa ilustração precisa estar sintonizada com o texto, mas isto não significa que deva apenas reproduzir com exatidão as palavras do escritor. Caso fosse assim, constituiria uma ilustração pouco significativa, uma vez que somente descritiva e redundante, pouco acrescentando à riqueza das possibilidades interpretativas da visualidade. Assim, a autora destaca a relevância de ambas as linguagens e de suas contribuições próprias para a constituição da obra, não cabendo a nenhuma delas reproduzir exatamente o que é apresentado pela outra. Considerando-se, então, que, “semelhante ao bom texto literário, que permite múltiplas leituras, a ilustração de qualidade também se completa através dos olhos de quem a vê e a entende a partir de seu universo interior” (LINHARES, 2008, p. 204), a sintonia entre as linguagens verbal e visual ocorre quando “a imagem continua de onde o texto parou”, ampliando-o, indo além dele, extrapolando-o e, com isso, alargando os horizontes de compreensão do leitor.

Nos livros infantis, podem existir, entre o texto escrito e as ilustrações, diferentes tipos de relações. Segundo Faria (2004), estas podem ser de repetição e/ou complementaridade. Na relação de repetição, a imagem repete o enunciado escrito. Já na de complementaridade, "um dos dois elementos pode ter a faculdade de dizer o que o outro, por causa de sua própria constituição, não poderia dizer" (DURAN; BERTRAND, 1975 *apud* FARIA, 2004, p. 40-41). Assim, o texto escrito e a ilustração apresentam contribuições específicas para a leitura integral da história, tendo funções diferentes no conjunto da obra.

Essa compreensão é reforçada por outros autores. Fonseca (2009), por exemplo, apresenta ideia semelhante à de Faria (2004) quando destaca a amplitude das contribuições fornecidas pelas ilustrações nos livros infantis. Afirma que, nestes, elas podem exercer, em relação ao texto verbal, diferentes funções: tanto podem ratificar os significados do texto escrito, o que equivaleria à relação de repetição apontada anteriormente, quanto antecipar, ampliar, extrapolar ou sugerir, o que diria respeito à citada relação de complementaridade, em que as linguagens contribuem diferentemente para constituir a totalidade da obra.

Nessa mesma linha de raciocínio, Ramos (2011) também trata das funções das ilustrações, afirmando que elas podem ser, principalmente, de reiteração, contradição, ampliação ou sugestão a partir do que é trazido pelas palavras. Assim, segundo a estudiosa,

podem concordar, tensionar, negar, expandir ou propor uma visualidade nova para o que está expresso no texto escrito (p. 146), ideia muito importante para o entendimento da força que as imagens assumem nos livros infantis ilustrados.

Também consonante com esse pensamento, Alencar (2009) diz que a ilustração pode substituir o texto escrito, ampliá-lo, adicionar interrogações, oferecer outras possibilidades de leitura e impressões (p. 27). Entretanto, cabe reforçar que escrita e imagem são principalmente companheiras no ato de contar histórias (FITTIPALDI, 2008, p. 103). Num livro literário, entre as histórias narradas nos textos escritos e as narrativas configuradas nas ilustrações, conforme a autora, estabelecem-se relações de correspondência, mas não há, necessariamente, repetições. Desse modo,

A imagem [...], ao bem ilustrar um texto literário, não se perde na pretensão de superar o texto, mas se adere a ele com a intenção de colaborar na sua percepção, amplificar suas vozes, dispor da degustação de seus sabores, dando mais asas à imaginação de seus leitores e mais prazer à leitura e ao uso do livro (p. 105-106).

Nessa perspectiva, como demonstrado por Corsino (2010), a análise da relação da ilustração com o texto verbal no livro infantil requer considerar e entender o diálogo que, nele, ocorre entre o verbal e o não verbal, em uma dimensão polifônica, ou seja, de muitas vozes. De acordo com a autora, quando a ilustração retrata literalmente o expresso pela linguagem verbal, não estabelece com ela essa relação dialógica. Ao contrário, quando intenta "atravessar o verbal em sua referencialidade e estabelecer a partir dele uma leitura própria, propositiva e criativa, em que forma e conteúdo, ética e estética ganham a dimensão artística, pode ser considerada uma boa ilustração" (p. 193). Portanto, ao ler um livro de literatura infantil, é importante observar se o universo de significação é afetado pelas imagens e se estas são capazes de ampliar a leitura por meio do tratamento estético que propõem. Assim, a compreensão da ilustração faz parte da interpretação da obra como um todo e precisa ser considerada em sua relevância e vinculação com o texto posto em palavras, o que é central para a concretização de uma leitura bem-sucedida.

A leitura da literatura infantil requer, pois, a capacidade de construção de sentidos a partir das múltiplas linguagens que a compõem. Nessa perspectiva, Fonseca (2009) ressalta a relevância do que denomina de leitura intersemiótica, considerando que "Na produção de livros para crianças e jovens, atualmente, a ilustração e todo o projeto gráfico são partes do universo semântico, juntamente com o texto verbal" (p. 98). Assim, os sentidos não se restringem ao que está posto em palavras, mas decorrem da consideração e da integração das

diversas linguagens que formam as obras literárias infantis. É, portanto, na junção dos textos verbal e por imagens com o projeto gráfico da obra como um todo que o universo significativo se concretiza, o que torna imprescindível, numa leitura efetiva, relevar esse conjunto de elementos em suas inter-relações.

Na sequência, apresentaremos uma obra literária infantil específica e nos debruçaremos sobre a relevância de lê-la considerando a riqueza de suas linguagens e a competente relação entre elas.

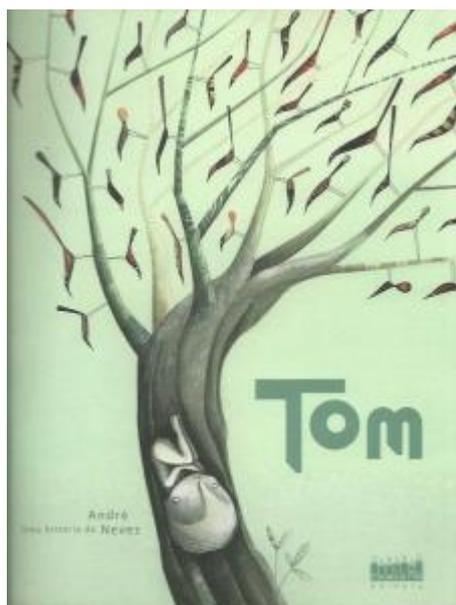
Escrita e ilustrações na obra *Tom*, de André Neves: quando o sensível, o visível e o compreensível se harmonizam e favorecem a leitura

A obra *Tom* foi escrita e ilustrada pelo autor pernambucano André Neves, e publicada pela Editora Projeto, no ano de 2012. O livro, com formato grande, medindo 23 cm de largura por 28 cm de altura, tem excelente qualidade gráfica e nele predomina, tanto na capa quanto nas páginas internas, o uso da cor verde pastel. A respeito das cores, Ramos (2011) afirma que, na ilustração, elas sugerem estados de ânimo, e que as frias expressam sentimentos mais calmos, placidez e suavidade, tônica predominante na obra em questão.

O livro narra, da perspectiva de um menino, o "nascimento" de seu irmão Tom, que vivia num mundo só seu, de silêncios, fechado na solidão dos pensamentos. Por isso, todos buscavam entendê-lo e se aproximar dele e de seu mundo, mas sem sucesso, já que Tom parecia nem perceber. A sua condição, entretanto, mudou quando, esforçando-se para articular as palavras, um dia olhou nos olhos do irmão e o chamou: Vem. Esse fato transformou a vida dos dois, pois Tom começou, de fato, a existir e, em virtude disto, suas relações com o mundo e com o irmão também se transformaram. Próximos, os dois passaram a brincar juntos e o irmão, diante na nova realidade, passou a sorrir, sentindo um tom diferente bater no peito.

No que toca às características do texto escrito, é composto por frases curtas, concisas e que ocupam a menor parte do espaço das páginas, comparadas às ilustrações. Estas frases são marcadas por um viés estético recheado de poesia e sensibilidade. Além da beleza e da arte das palavras, cabe destacar, no livro, a riqueza das imagens e sua competente simbiose com o texto escrito, além, é claro, de todo o projeto gráfico da obra. Lê-la, portanto, demanda a consideração desse trio articulado de fatores que se harmonizam de forma a favorecer uma efetiva compreensão do exposto. Para analisar as articulações que, no livro, se dão entre as ilustrações e o texto escrito, destacaremos, a partir de agora, algumas de suas páginas e situações específicas, no intuito de melhor entender a obra e de ressaltar sua qualidade.

No que diz respeito às ilustrações, cabe destacar inicialmente a capa, na qual podemos perceber que a imagem traz, ao centro, uma árvore que tem pássaros como folhas. Dentro do tronco, vemos uma criança adormecida e encolhida, em posição fetal, como que a esperar a hora de nascer. Ao lado da imagem, o título do livro, em destaque, faz o leitor associar o menino da imagem ao personagem-título. Na quarta capa, a imagem mostra a mesma árvore, desta feita sem a presença do menino, o que é justificado pelo conteúdo da história, trazido nas páginas internas da obra.

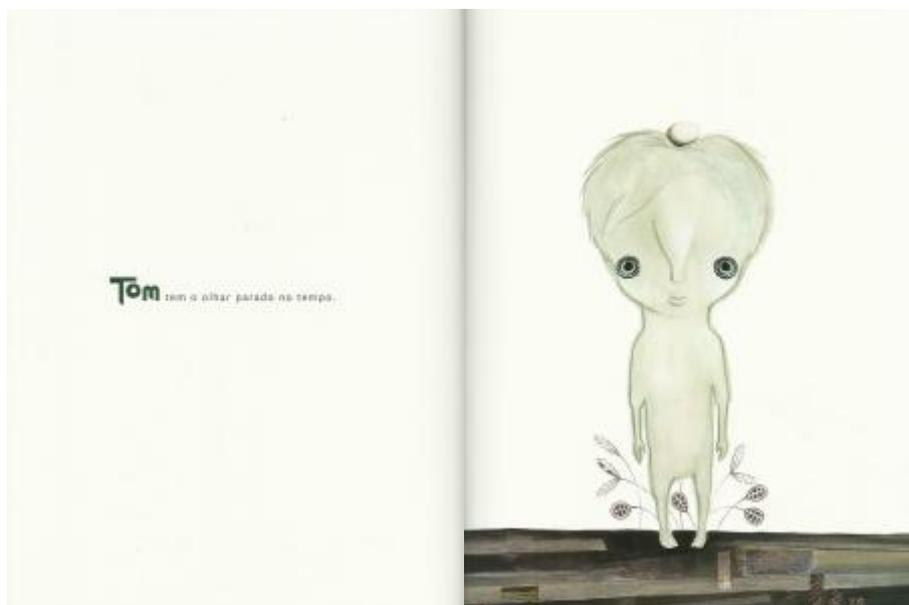


O estabelecimento da relação entre essa imagem e a ideia de preparação para o nascimento é central para a compreensão do que é narrado. Perceber a metáfora da ilustração, que traz o personagem introvertido em seu silêncio e solidão, trancafiado no tronco rígido de uma árvore cujas folhas-pássaros, embora tendo potencial para balançar e voar, mantêm-se paradas, rígidas, imóveis, auxilia a compreender a condição inicial de Tom que, embora inserido num mundo de cores, sons, movimentos e pessoas, parece não percebê-los, fechado em seu silêncio e isolamento.

Cabe destacar que o fato de, na árvore, haver pássaros ocupando o lugar das folhas também sinaliza a importância que esses animais assumem ao longo de toda a narrativa, aparecendo em doze ilustrações no interior do livro. Na obra, é possível associar a recorrência às aves ao fato de elas representarem tanto a ideia de fragilidade do menino “mudo” e distante quanto a condição de liberdade que ele alcança quando se mostra capaz de falar e interagir com os que estão ao seu redor.

Na obra de André Neves, há, predominantemente, uma articulação de complementaridade entre texto escrito e ilustrações, cabendo a estas maior destaque nas

páginas, o que certamente demanda do leitor competências para, em especial, atribuir sentidos ao que está posto em imagens. Em alguns momentos, entretanto, é possível constatar que o visual reforça, de alguma forma repetindo, o que texto escrito exprime, como mostrado nas páginas destacadas a seguir:



A ênfase da imagem é dada aos olhos do personagem, mostrados pelo ilustrador com um colorido que se destaca na imagem pálida e esbranquiçada do menino. Esta estratégia permite reforçar o que é dito no texto escrito da página à esquerda: que o olhar de Tom é parado no tempo. A fixidez do olhar é ainda relevada pela posição corporal do personagem, mostrado frontalmente, parado e com os olhos fixos no observador da imagem. Além disso, a leitura desta também permite compreender a ideia de imobilidade do menino, que parece viver em um mundo próprio e distante do mundo dos que o cercam, através das plantas que crescem ao redor de seus pés e que, nas imagens subsequentes, aparecerão enroscadas em suas pernas, e do ovo posto sobre sua cabeça-ninho, denotando que a paralisia permitiu a um pássaro considerar o local seguro para depositá-lo.

Vemos que apesar de, nesta página, a relação entre as duas linguagens ser predominantemente de repetição, a observação criteriosa do visual auxilia o leitor a ir compreendendo quem é Tom e quais as suas características, as quais são reforçadas nas páginas seguintes, onde o menino é evidenciado, tanto pelo escrito quanto pelas ilustrações, como vivendo “no silêncio a escutar os pássaros que voam para longe”, gostando “da solidão dos pensamentos”, como uma criança que “não brinca”, “não diz o que sente” e que “parece nem perceber” os esforços dos que a cercam para chamar sua atenção.

Cabe salientar, entretanto, que na maior parte das vezes, a ilustração vai além do que é

dito em palavras, enunciando-o de outra forma, expressando-o metaforicamente, condição que requer do leitor uma atitude interpretativa mais intensa e perspicaz, a exemplo destas páginas:



Diante do fato de Tom, que até então vivera ensimesmado e fechado em sua mudez, ter conseguido olhar nos olhos do irmão e articular a palavra “Vem”, este fica, como o texto escrito destaca, “Sem saber o que fazer ou pensar”, “com o coração calado”. A ilustração denota essa sensação de estranhamento do menino, que parece sentir-se “preso”, cativo em seus pensamentos, uma vez que incapaz de entender o vivido por Tom e, muito menos, de saber como se portar diante de sua nova condição. A ideia do aprisionamento do pensar é reforçada pela imagem, ao enfatizar a cabeça do menino, “casa dos seus pensamentos”, apertada dentro da gaiola e sua expressão facial de entorpecimento e imobilismo frente ao novo. O coração do menino, “casa dos seus sentimentos”, cala-se frente ao não saber o que sentir nesse momento tão significativo de descoberta.

Na parte superior da página da direita, a linha amarrada à gaiola e o pássaro pousado sobre ela, representado apenas por contornos, mas ainda sem conteúdo interno, reforçam a ideia de um menino que se liberta de seu enclausuramento, mas que ainda não assume efetivamente a condição de sujeito da linguagem, capaz de interagir e de se relacionar efetivamente com o mundo circundante.

É necessário ao leitor, para uma leitura completa do texto, compreender que o autor recorre aos pássaros para demonstrar que quando o menino vivia num mundo próprio, apenas os escutava voando para longe, muito longe, não lhe deixando marcas significativas, e que quando se tornou capaz de falar e de interagir, esses pássaros, antes distantes e incapazes de repercutir nos seus sonhos e imaginação, passaram a bater suas asas dentro dele, compondo-o

como sujeito. As ilustrações a seguir denotam essa transformação, tendo os pássaros como referência.



Na primeira imagem, vemos os pássaros “passando” por dentro do personagem, atravessando-o, estratégia usada pelo autor para sinalizar a ideia de que, nesse momento, não havia repercussão do mundo externo na interioridade do menino. Por isso, a representação das aves coloridas e vivas antes de passarem por ele, e depois, apagadas e “invisíveis”, já que imperceptíveis às sensações e reações de Tom. Relacionado com essa ilustração há o texto verbal escrito “*Vive no silêncio a escutar os pássaros que voam para longe, muito longe. Onde só o sonho alcança*”, que dá ênfase à solidão do menino e ao seu distanciamento dos fatos e situações. A imagem, por sua vez, numa relação de complementaridade com o escrito, representa tal ideia posicionando o garoto de costas, como a olhar perdidamente o horizonte, incapaz de dar sentidos às vivências através das palavras e interações com o mundo ao redor.

Na imagem da direita, em contraposição à primeira, as aves não mais “atravessam” o corpo do menino, antes incólume ao externo. Pelo contrário, passam a habitá-lo, a voar e bater asas em sua percepção e sensibilidade, o que é indicado pelo texto escrito “*Era o som de asas batendo dentro dele*”. A partir desse ponto, nas páginas seguintes, denotado pelas linguagens verbal e de imagens, é demonstrado que Tom começou a dançar, rodopiar e subir, ou seja, que alçou outra condição existencial ao ser capaz de falar e de interagir com o entorno.

No que concerne especificamente à relação entre o expresso pelo escrito e pela imagem nesta página, vemos, em princípio, a repetição do expresso em palavras, uma vez que o fato das asas dos pássaros baterem dentro do menino é demonstrado, na ilustração, pela localização das aves no interior do corpo de Tom e de elas estarem em movimento, como se

batessem suas asas. Entretanto, é possível constatar também uma relação de complementaridade entre as linguagens, pois a ênfase dada pela escrita ao som do bater das asas dos pássaros não é demonstrada na imagem, embora tenha muita força no enredo, já que se constituir como sujeito de linguagem faz Tom surgir como pessoa e se inserir, de fato, na existência. A ilustração, portanto, vai além do que é dito pelas palavras ao acrescentar outros elementos, como a expressão facial do personagem, pela primeira vez sorridente e feliz, consequência de começar a se relacionar com o mundo de uma maneira diferente. Cabe, aqui, destacar novamente o pensamento de Faria (2004), ao salientar que numa relação de complementaridade entre as linguagens, uma pode dizer o que, para a outra, não é possível.

As ilustrações são efetivas ao caracterizar a transformação da condição de Tom: a passagem de uma característica de mudez e isolamento para a capacidade de falar e se relacionar socialmente. Assim, a imagem do menino, mostrada ao longo do livro de forma pouco nítida e desvanecida, ganha definição e preenchimento quando o personagem, após falar pela primeira vez, assume a condição de sujeito. Abaixo, a primeira imagem retrata a ocasião em que Tom olha nos olhos do irmão e diz “Vem”, fato destacado pela interseção das figuras dos dois meninos, marcada em especial pela fusão dos olhares. Além disso, também cabe destacar a expressão corporal de Tom, que indica movimento para a direita, e a de seu irmão, que parece ficar imóvel diante da atitude do primeiro. O tamanho da fonte usada na palavra indicativa do chamamento também é importante sinal para o leitor compreender a relevância que a articulação da palavra desempenhará na vida de Tom daí em diante.



A imagem da direita, por sua vez, ao denotar os dois meninos brincando juntos, pendurados num galho da árvore que, inicialmente, sinalizou o “não existir” de Tom, chama a

atenção para uma nova representação gráfica deste, com contornos mais bem definidos e cores mais nítidas, embora ainda aparentando fragilidade. Nesta imagem conclusiva da obra, mesmo não havendo texto escrito acompanhando, é possível ao leitor inferir, pelas características da ilustração, a nova condição do personagem Tom e a relação distinta que passou a existir entre ele e seu irmão, apresentado com uma expressão facial de satisfação e felicidade ao contemplar Tom com compreensão e carinho.

Cabe concluir enfatizando que, na obra em questão, o sensível, o visível e o compreensível se harmonizam plenamente e isto favorece a leitura da narrativa. Compreendê-la, portanto, demanda perceber as formas de articulação entre palavras e imagens, atribuindo sentidos a ambas. Além disso, considerar que, embora a leitura do escrito seja importante, também se torna de crucial relevância ler competentemente as imagens, pois, nos livros híbridos, uma leitura efetiva só se completa e a compreensão só ocorre de fato quando há, da parte do leitor, habilidades para construir significados a partir do escrito, do visual gráfico e, especialmente, da articulação entre ambos.

Considerações finais

A leitura eficaz de um livro de literatura infantil requer a capacidade de atribuição de sentidos ao que, na obra, é apresentado por imagens e palavras satisfatoriamente articuladas. Desse modo, é muito relevante que as relações entre os elementos integrantes de um livro sejam estabelecidas adequadamente por seus autores e que os leitores possam constatar-las e se beneficiar disto na efetivação da interpretação do lido.

A obra *Tom*, de André Neves, é um feliz exemplo de livro infantil ilustrado em que a conjunção das linguagens e do projeto gráfico se dá de maneira harmônica, capaz de favorecer proveitosamente a construção de sentidos pelo leitor. Assim, lê-la efetivamente, levando em conta a sua riqueza linguística, visual e artística, pressupõe analisá-la em seu conjunto, integrando, criativa e eficazmente, seus elementos componentes.

Numa obra como esta, marcada pela sensibilidade expressiva que abre múltiplos espaços para o ver e o compreender, concretiza-se a ideia de que articulações adequadas e bem construídas entre texto escrito e ilustrações, fundadas num projeto gráfico primoroso, pode gerar repercussões positivas sobre a efetivação da leitura, afinal, quanto mais integradas as partes de uma obra, melhor ocorrerão sua fruição e entendimento.

Referências

- ALENCAR, Jakson de. As ilustrações na literatura infantil: da alma das imagens à alma dos leitores. In: GÓES, Lúcia P.; ALENCAR, Jakson de (Org.). **A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 26-34.
- AMARILHA, Marly. Imagens sim, palavras não. In: _____. **Estão mortas as fadas?: literatura infantil e prática pedagógica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997. p. 39-44.
- CORSINO, Patrícia. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 183-204. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20)
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Como usar na sala de aula)
- FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa?. In: OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008. p. 93-121.
- FONSECA, Lêda M. da. Leitura de imagens e a formação de leitores. In: GÓES, Lúcia P.; ALENCAR, Jakson de (Org.). **A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 95-106.
- LINHARES, Thais. Depoimento. In: OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008. p. 203-205.
- MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008. p. 49-59.
- NEVES, André. **Tom**. Ilustrações do autor. Porto Alegre: Projeto, 2012.
- PARREIRAS, Ninfa. A outra linguagem do livro para crianças: ilustrações e projeto gráfico. In: _____. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009. p. 85-94.
- RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- WERNECK, Regina Y. M. Leitura de imagens. Belo Horizonte. **Presença Pedagógica**, v. 4, n. 19, jan./fev. 1998. p. 102-106.